

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

LEISLA COSTA PEREIRA

VESTINDO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA: EU EXISTO!

CRICIÚMA-SC

2017

LEISLA COSTA PEREIRA

VESTINDO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA: EU EXISTO!

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais – Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof^ª. Ma Edina Regina Baumer

CRICIÚMA-SC

2017

LEISLA COSTA PEREIRA

VESTINDO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA: EU EXISTO!

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em 'Processos e poéticas: Conexões entre museologia, expografia, ação educativa e políticas públicas para a arte'.

Criciúma, 20 de junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Edina Regina Baumer- Mestra - Universidade do Extremo Sul Catarinense -
UNESC - Orientador

Prof. Lisiane Tuon Generoso Bitencourt - Doutora - Universidade do Extremo Sul
Catarinense - UNESC

Prof. Katuscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestra - Universidade do Extremo Sul
Catarinense - UNESC

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus primeiramente, pois em momentos difíceis encontrei forças na minha fé para continuar seguindo em frente. Agradeço a minha mãe Elvina Costa Pereira, sempre foi uma motivação para mim, o que importa é amor que sinto por ela. Difícil agradecer e não chorar, as pessoas que de fato acreditaram e ajudaram até aqui.

A uma amiga muito especial Maria da Silva Manoel Candiotto, que é como se fosse uma segunda mãe de coração, e sempre me socorre quando preciso, a Bianca Ransolin que não poupou esforços para ajudar. Obrigada a minha orientadora Edina Regina Baumer aos ensinamentos acadêmicos e da forma carinhosa como sempre tem acalentado neste processo de TCC. E aos professores em geral, mas em especial Angélica Neumaier e Silemar Maria de Medeiros da Silva por sempre estarem ali dispostas a nos ajudar.

Aos amigos e funcionários que fiz ao longo desses quatro anos na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, no Curso de Artes Visuais - Bacharelado. A graduação não será somente um diploma e sim mais uma conquista de muitas que estão por vir, as memórias dessa etapa da minha vida ficarão guardadas eternamente. Muito obrigada!

“DEFICIÊNCIAS”

“Deficiente” é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

“Louco é quem não procura ser feliz com o que possui.

“Cego” é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

“Surdo” é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

“Mudo” é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

“Paralítico” é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

“Diabético” é quem não consegue ser doce.

“Anão” é quem não sabe deixar o amor crescer.

E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois:

“Miseráveis” são todos que não conseguem falar com Deus.

“A amizade é um amor que nunca morre.”

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso se insere na linha de pesquisa 'Processos e poéticas: conexões: Conexões entre museologia, expografia, ação educativa e políticas públicas para a arte' e aborda questões que abrangem as pessoas com deficiência e o aporte da área da arte para sua inclusão social. Sendo assim os objetivos foram investigar artistas que estão preocupados com produções que contemplem pessoas com deficiências; analisar as produções artísticas que possibilitam a interação de pessoas com deficiência e criar uma produção artística que provocasse olhares e discussões sobre esse tema pensando se as propostas dos artistas contemporâneos atendem à demanda desse público. Nesse sentido foi feito uma investigação na história em busca de encontrar artistas que produzem/representavam a deficiência por meio da arte. Sobre isso organizei o capítulo 'As pessoas com Deficiência: Quem São? Um Olhar pela História e pela Arte', trazendo os autores Orso (2014), Reily (2011), Corrêa (2010), Caiado (2011), Kassar; Arruda; Benatti (2011), Garcia (2011), Martins (2013), Rosa; Wilhelm (2014) e Marques (2011). No capítulo 'A Produção de Arte Contemporânea' busquei trazer para contextualizar as características do período mais recente de produção de arte, os autores Lamas (2007), Cauquelin (2005), Stolf (2007), Nunes (2007), Meyer (2007), Carvalho; Tureck (2014), Martins (2013). Insiro um capítulo para falar brevemente da 'História da Moda' que é uma área com a qual possuo identificação e opto para a produção artística o fazer, a costura, a criação a partir de materiais prontos, que dariam sentido à minha inquietação. Aqui menciono os autores Braga (2006), Nery (2003), Castilho; Martins (2005) e Martins (2013). Com a pesquisa constatei que há produções que representam pessoas com deficiência e que alguns espaços culturais já estão produzindo a fruição de pessoas com deficiência, mas não em grande escala; temos que caminhar muito quando o assunto é inclusão na arte de pessoas com deficiência, de uma forma efetiva.

Palavras-chave: Arte. Inclusão. Pessoa com deficiência. Moda.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Técnicas de alimentação.....	17
Imagem 2 – Rue Mosnier com bandeiras.....	18
Imagem 3 - Belisário pedindo esmola	20
Imagem 4 - A Norwich escola de arte	21
Imagem 5 - Fotografia do Sebastião Salgado	22
Imagem 6 - Fruição de pessoa com deficiência visual	26
Imagem 7 - A Coroação de Cristo, Van Dyck1620.....	27
Imagem 8 - Las Meninas, Velásquez (1559-1660).....	28
Imagem 9 - Infanta Margarida	28
Imagem 10 - Holograma - Infanta Margarida com Dali e amigos em um bar	29
Imagem 11 - Infanta Margarida: Picasso (1881-1972)	30
Imagem 12 - Las Meninas (2006), Instalação: Manolo Valdés.....	35
Imagem 13 - Indumentária: Pré-história	37
Imagem 14 - Vestido Mondrian	39
Imagem 15 - El Corte Inglês, Lisboa: Artista Mondrian	40
Imagem 16 - Coleção de perfumes “Las Meninas”.....	41
Imagem 17 - Pesquisa de manequins	42
Imagem 18 - Ficha técnica calça Jeans sem alteração.....	43
Imagem 19 - Ficha técnica calça jeans com alteração.....	44
Imagem 20 - Ficha técnica camiseta sem alteração	44
Imagem 21 - Ficha técnica camiseta com alteração	45
Imagem 22 - Tirando medidas do manequim	46
Imagem 23 - Modelagem planados moldes da calça jeans e camiseta	46
Imagem 24 - Modelagem no Audaces: calça jeans.....	47
Imagem 25 - Modelagem no Audaces: camiseta	48
Imagem 26 - Corte do tecido.....	48
Imagem 27 - Estampando a camiseta.....	49
Imagem 28 - Confecção da calça jeans	50
Imagem 29 - Confecção da camiseta.....	51
Imagem 30 - Prova da roupa para os ajustes finais	51
Imagem 31 - Retirada dos membros para representação da deficiência física	52
Imagem 32 - Produção artística	53

Imagem 33 - Produção artística em exposição	54
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CER II	Centro Especializado em Reabilitação
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	12
3 AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: QUEM SÃO? UM OLHAR PELA HISTÓRIA E PELA ARTE.....	16
4 A PRODUÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	32
5 HISTÓRIA DA MODA.....	36
6 PROCESSO DE CRIAÇÃO: RESSIGNIFICANDO A PESQUISA.....	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de conclusão de curso trata de questões que envolvem a pessoa com deficiência e a contribuição da área da arte para sua inclusão social. No momento que comecei a trabalhar em uma escola onde existem alunos com diversos tipos de deficiência, atuando como mediadora da disciplina de teatro extracurricular, fui sensibilizada com a seguinte situação: observei um impedimento no diálogo com um aluno que tem dificuldade de comunicação, quando tive que escrever no caderno para estabelecer uma conversa com ele. Diante desse fato percebi que a deficiência não estava só nele, de certo modo também senti dificuldade para entendê-lo. Desse acontecimento constatei que não somente o espaço possui barreiras; elas estão principalmente nas pessoas por isso revi meu interesse inicial para a pesquisa, que era discutir a acessibilidade nos espaços de artes e se existe uma efetiva inclusão por meio da arte. Refletindo um pouco mais sobre a pessoa com deficiência na nossa sociedade, defini como problema de pesquisa o seguinte questionamento: **existem produções de arte que se relacionam com as deficiências? E elas oportunizam a fruição da/sobre pessoa com deficiência?**

Essa preocupação vem da busca não por igualdade, mas sim por equidade onde é reconhecido o direito de cada um, com suas limitações. Nessa direção trago como objetivo geral propor discussões sobre a oportunidade de acesso e fruição da pessoa com deficiência aos objetos artísticos. E como objetivos específicos apresento: investigar artistas que estão preocupados com produções que contemplem pessoas com deficiências; analisar as produções artísticas que possibilitam a interação de pessoas com deficiência; criar uma produção artística que provoque discussões sobre esse tema e pensar se as propostas dos artistas contemporâneos atendem à demanda desse público.

No processo de pensar a produção artística, me envolvo também com a moda na questão do contexto social e por ser uma área de encantamento para mim. Posso trabalhar o corpo sendo molde, prótese ou mutilação tratando especialmente da ausência sensorial. Penso que a arte seja um caminho de expor minha angústia em relação à acessibilidade para a pessoa com deficiência, partindo da sensibilidade numa relação intrapessoal: passei minha infância sem saber lidar com a deficiência intelectual da minha mãe e tentando descobrir como proceder com essa situação, o

que acabou gerando marcas na minha visão de mundo. Acredito que as relações pessoais deixam marcas profundas, talvez o fato dessas minhas experiências se apresentarem muitas vezes, difíceis, fez com que eu tratasse o assunto como muita relevância e acredito que a arte vai ser uma forma de amenizar meu desalento nesse sentido. Vivemos a vida achando que jamais poderemos estar na mesma situação, mas muito pelo contrário, estamos sujeitos, a qualquer momento, a adquirir algum tipo de deficiência.

Nessa trajetória também participei do Curso: ‘Aperfeiçoamento na rede de atenção à pessoa com deficiência’¹, organizado pelo CER II – UNESCO que trata da importância dos profissionais da área da saúde, educação e assistentes sociais trabalharem juntos de forma interdisciplinar para que as pessoas com deficiência possam ter qualidade de vida. No curso em si, meu interesse era ter uma maior compreensão em relação a todos os tipos de deficiências. Aliando essas preocupações com os estudos no curso de Artes Visuais - Bacharelado da UNESCO-passei a interrogar como discutir a diferença através da arte. Penso que arte é um espaço amplo para experimentações, sempre aberto de uma forma híbrida, promovendo olhares diferentes sobre as realidades. As nossas sociedades se constituem por questões culturais - ainda muito presentes - de modelos pré-estabelecidos que possam gerar estigma, segregação e preconceito no que se refere, entre outros grupos, às pessoas com deficiência.

Pensando nesse viés, vejo as possibilidades por meio da arte contemporânea já que a arte, entre tantas funções sociais, também pode ter como função a de incluir. O que vemos hoje, é que muitas vezes as pessoas com deficiência estão invisíveis na sociedade; nem sempre os equipamentos de cultura dão conta da demanda desse público, seja com acessibilidade apropriada, ou produções de arte que oportunizem a fruição.

¹Centro Especializado em Reabilitação CER II / UNESCO.

2 METODOLOGIA

A pesquisa se insere na linha de pesquisa 'Processos e poéticas: conexões: Conexões entre museologia, expografia, ação educativa e políticas públicas para a arte' e nasce de uma angústia ocasionada na infância e que se estende com um significado mais consistente até os dias de hoje, provocando um enorme desejo de me aproximar da deficiência por meio da arte. Nesta investigação ficou clara a percepção de que tanto em períodos artísticos quanto nas pesquisas que envolvem pessoas com deficiência, as produções não são feitas por pessoas com deficiências, e sim, de pessoas sem deficiência falando sobreas que têm deficiência. Há escassez de material nesse sentido, o que demonstra o quanto a pessoa com deficiência ainda precisa caminhar para sua inclusão e de seus pares. Em específico no que se relaciona ao tema deste Trabalho de conclusão de curso, observa-se que é difícil encontrar pesquisas sobre a pessoa com deficiência, que dialoguem com a área da arte. Assim:

[...]constatamos que a falta de maior interesse pela pesquisa sobre o movimento social das próprias pessoas com deficiência ainda não mereceu a devida atenção nem mesmo por pesquisadores ligados ao campo dessa problemática social. A maioria dos trabalhos científicos que tomam as questões envolvendo as pessoas com deficiência como objeto de estudo ainda se volta mais para a educação, a psicologia e o trabalho. (ROSA; WILHELM, 2014, p.132).

Como já citei na introdução, durante a graduação não obtive um interesse maior por alguma das linguagens artísticas vivenciadas no curso de Artes Visuais– Bacharelado da UNESC. Dessa forma, meu processo de produção para este Trabalho de Conclusão de Curso vem ressignificar conceitos, preocupações e motivações. Ao mesmo tempo em que realizo a pesquisa, estou fazendo um curso de 'Modelagem Plana e Costura Industrial'² e por isso, nasceu o desejo de produzir artisticamente ligando a arte à costura, à modelagem.

De uma cópia do molde-base, chamada molde de trabalho, o modelista fará a interpretação, ou seja, a adaptação do molde para incluir os detalhes expressos no desenho técnico. Uma etapa importante da interpretação de modelagem é a determinação das folgas do modelo, ou seja, a que distância a roupa ficara do corpo, pois o molde-base representa o

²O curso acontece na cidade de Araranguá/SC, tendo duração do curso seis meses, promovido pelo Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC.

mapeamento do corpo sem folgas para movimentação. (TREPTOW, 2005, p.155).

Fazendo uma analogia com nossa sociedade, penso que a modelagem - que vem de molde e de modelar³ - nos molda, quando nos propõe a seguir padrões. Nessa perspectiva utilizar um molde de roupas pensadas para pessoas com deficiência, um molde como representatividade desse corpo imperfeito, resultou em uma produção que visa causar estranhamento ou desconforto nas pessoas. Estranhamento a partir do momento em que reconhecemos que a padronização está muito presente em nosso dia a dia, excluindo corpos e atitudes fora dos padrões. Essa e outras preocupações encontramos em Cunha (2014, p.208) quando denuncia que as imagens coladas nas paredes das salas de aula da Educação Infantil, em nosso país, reafirmam “[...] que alguns modos de ser, configurados nos personagens expostos, são melhores do que outros [...] confinando as crianças a estes modelos de ser e de se representar.” Assim, desde a infância vamos aprendendo o que é ser bom, bonito e normal.

No entanto é preciso conhecer e se envolver com formas diferentes de ver essas imagens e tantas outras a nós oferecidos ao longo da vida. Irwin (2013, p.184-185) explica o termo ‘entrevisões’:

As entrevisões são discernimentos penetrantes guiados por uma compreensão perceptiva. Elas escavam as estruturas internas das coisas, dos seres e das ideias. Percebem e apreendem o autoconhecimento. Entre/visões abrem ou desdobram as sensibilidades estéticas implícitas presas dentro da visão.

Observo que é tão difícil escrever e defender uma causa, tentando imaginar situações que nem ao menos passei como as que essas pessoas com deficiência estão vivenciando no seu cotidiano. Sempre aprendi que só se pode argumentar sobre o que se sente na pele. Mas talvez eu sinta que as pessoas estão cada vez menos solidarias umas com as outras. Às vezes o problema do outro não me afeta e não me sinto muito incomodada de como as coisas vão se organizando: se colocar no lugar do outro nem passa pela nossa cabeça. Ao mesmo tempo, acredito que:

³ Modelar: fazer o modelo de roupas.

A biofilia é amor à vida, a essência da existência humana. O homem nasceu para a vida e é sua vocação estar comprometido com ela, refletindo sobre sua existência e sobre suas ações no e com o mundo para humanizá-lo cada vez mais. Na verdade, experimentamos a transição de um modo de se ver o homem, o mundo e a vida para um novo modo de ser. O que sabemos apenas é que a vida está mudando e que os homens precisam construir uma nova identidade ajustada ao ritmo e à capacidade de transformação da atualidade. (MARQUES, 2011, p.150).

Nessa direção, pensei em mostrar a modelagem, a ficha técnica e tudo o mais que esse processo de produção pudesse trazer e deixar as pessoas fazerem um momento de reflexão: o porquê das roupas pensadas para pessoas com deficiência? Utilizando de princípios técnicos de uma confecção de roupas. A produção de uma roupa que trate essa ausência do corpo, pensar o desenho de croqui, um casaco sem mangas, pois se não tiver o braço porque fazer roupas com mangas? O que trago como processo não é uma coleção de moda, mas sim uma roupa e um corpo (manequim) pensado para aqueles que tem necessidade de inclusão.

Dessa forma, a metodologia da pesquisa se constitui como a/r/tografia, que possibilita que possamos criar nossos percursos, no qual possamos ver nossa história própria dentro da pesquisa/processo.

Nesse sentido, o que gera com a investigação narrativa não é estritamente conhecimento, mas um texto, um relato, *que alguém lê*, e é precisamente aí onde reside um novo nível de relação fundamental: *contar uma história que permita a outros contar(se) a sua*. O objetivo não seria somente apreender a realidade, mas produzir e desencadear novos relatos. (HERNANDEZ, 2013, p.47).

Ela surge e prossegue com muitos questionamentos, objetivando a desconstrução de uma padronagem e fazendo uso dessa desconstrução para expressar sentimentos, desejos e inquietações. É uma Pesquisa Baseada em Arte - PBA que, junto com a PEBA - Pesquisa Educacional Baseada em Arte:

[...] rompem, complicam, problematizam e incomodam as metodologias normalizadas e hegemônicas que são aquelas que estabelecem, formatam, conduzem, concebem e projetam o conceito de pesquisa acadêmica em artes, educação e arte/educação. [...] buscam deslocar intencionalmente modos estabelecidos de se fazer pesquisa e conhecimentos em artes, ao aceitar e ressaltar categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo. (DIAS, 2013, p.23).

Esses modos de fazer pesquisa colocam que o sentido é construído, que se pode agir criativamente na direção de uma interpretação construtiva, que significa estabelecer formas de ver e de experimentar o ordinário. (DIAS, 2013).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Artes Visuais (BRASIL, 2009) preveem, para o Trabalho de Conclusão de Curso, uma produção artística a ser apresentada em uma exposição coletiva, mas, dentro deste contexto - de arte, deficiência e inclusão - como pensar a forma de exposição? Talvez cabides ou uma arara com algumas peças de roupas, como se você estivesse em uma loja, algo que remeta a normalização. Os artistas, conforme este estudo, expressavam a deficiência por meio de pintura; eu pensei em produzir com a roupa, a costura e a modelagem. Como senti dificuldades de me encontrar em uma das linguagens artísticas, penso em usar aquilo com o qual possuo identificação: o fazer, a costura, a produção a partir de materiais prontos, que dariam sentido à minha inquietação.

Nesse sentido, a a/r/tografia parece à liberdade na qual não nos limitamos, mas sim conseguimos ampliar nosso repertório, já que a PBA:

[...] não se baseia somente no uso de representações visuais, mas de diferentes meios com valor artístico ou estético. Isso significa aceitar, de uma forma normalizada, o uso não só de diferentes formatos de escritura, mas também da combinação de várias modalidades narrativas em relatos de investigação. (HERNANDEZ, 2013, p.47).

No decorrer da graduação fiz alguns manequins femininos; a forma humana, o 'corpo' sempre chamou muito a atenção; no momento de elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso vejo que a a/r/tografia abre vários questionamentos, e permite não nos separar de nossas experiências. A meu ver, quando a pesquisa e as experiências andam lado a lado, a compreensão é outra e sinto que este processo criativo "[...] não é uma investigação que de maneira autocomplacente "se olhe e fale de si mesma." (HERNANDEZ, 2013, p.51).

3 AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: QUEM SÃO? UM OLHAR PELA HISTÓRIA E PELA ARTE

Em nosso dia a dia, nos encontramos com diversas pessoas diferentes, de diversas faixas etárias, classes sociais, etnias e culturas. No entanto, algumas delas, dentre toda essa diversidade, são categorizadas como pessoas com deficiência e vale conferir o conceito:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, 2011, p.26).

Observamos que algumas das deficiências-congênicas ou adquiridas no decorrer da vida-afetam o sensorial e/ou comprometem intelectualmente, mas não deveriam impedir a capacidade de desenvolvimento das pessoas a ponto de que não possam ter condições adequadas para uma qualidade de vida. Para isso, faz-se necessário pensar na importância das políticas públicas, oportunizando cada vez mais, uma escolarização adequada, o apoio da família e dos profissionais da área da saúde. As deficiências se classificam, de acordo como estatuto da pessoa com deficiência:

Art. 2§ 1o A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará: I - os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo; II - os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais; III - a limitação no desempenho de atividades; e IV - a restrição de participação. (BRASIL, 2015).

Esses são conceitos atuais de deficiência, mas nem sempre foi assim. Alguns estudos nos mostram que:

[...] nos primórdios, quando os hominídeos ainda não haviam desenvolvido a linguagem e se comunicavam por gestos e grunhidos, uma pessoa surda, por exemplo, não teria impedimentos velados para viver e, certamente, não lhe seria atribuído o rótulo de deficiente. [...] postula-se também que, no período em que nossos ancestrais ainda andavam de forma bastante semelhante aos antropóides (sobre quatro patas), sendo que as dianteiras tocavam o solo e as traseiras serviam como impulso, uma pessoa com deficiência física, com algum tipo de defeito na parte das costelas, ou a coluna demasiadamente curvada (corcunda), ou, ainda, aquelas com defeito nos

membros inferiores, mas com a possibilidade de utilizá-los para o impulso citado, certamente estariam na mesma condição apontada no que se refere aos surdos. (CARVALHO; TURECK, 2014, p.35).

Olhando a imagem1, podemos observar uma representação - por meio da arte rupestre – de técnicas de alimentação quando a comunicação não era estabelecida de uma forma estruturada como temos hoje.

Imagem 1 - Técnicas de alimentação



Fonte: Disponível em: <<http://ohistoriante.com.br/idade-da-pedra.htm>>.

No século XVIII, com a revolução industrial, o capitalismo trouxe mudanças no sistema de manufatura. Esse processo deslocou grandes quantidades de pessoas que abandonam o campo e partem para centros urbanos em busca de trabalho, e surgem novas classes sociais opostas como burguesia e proletariado. O método utilizado para seleção no ato da contratação de um funcionário selecionava as pessoas que tinham aptidão para o trabalho e as que não eram produtivas, tidas com deficiência que eram consideradas sem valor para executar qualquer atividade em uma indústria.

Como resultado da exclusão do processo produtivo, essas pessoas são consideradas improdutivas, inúteis, incapazes, um fardo pesado ou uma cruz a ser carregada pela família e pela sociedade. Essa concepção desconsidera a possibilidade de essas mesmas pessoas se constituírem como agentes e, assim, transforma-nas em objetos da caridade e da filantropia. Nessa forma de tratamento, as pessoas com deficiência quase

sempre são concebidas como doentes ou como seres eternamente infantis. (ORSO,2014, p.109).

Nessa investigação considere interessante buscar em alguns períodos artísticos, uma representação de pessoas com deficiência nos cenários urbanos, nas linguagens das artes visuais.

O artista Manet (1832-1883) faz sua composição de uma forma que remete a cidade como um ambiente festivo com uso de bandeiras francesas, algo no sentido cívico; a deficiência é trazida em primeiro plano como é apresentada na pintura imagem 2 'Rue Mosnier com bandeiras', 1878, óleo sobre tela, 65,5 x 81 cm. "Manet estaria falando do abandono do velho soldado mutilado pelo seu país, estaria afirmando algo sobre injustiça do seu governo para com o cidadão Frances?" (REILY, 2011, p.227).

Imagem 2 – Rue Mosnier com bandeiras



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/Kellimia3/city-of-angels/?lp=true>>.

A partir do século XIX, a deficiência vai ganhando espaço e passou a ser compreendida e pouco a pouco, respeitada; em consequência a isso várias instituições foram criadas com o intuito de discutir e tentar normalizar a inclusão das pessoas na sociedade, em diversos lugares do mundo.

Embora as práticas excludentes não sejam exclusivas da sociedade burguesa, visto que, nas sociedades anteriores, quase sempre

prevaleceram os procedimentos do extermínio, do abandono e do isolamento, é na atualidade que elas merecem ser profundamente questionadas, pois o nível de desenvolvimento das forças produtivas alcançado atualmente permite que todas as pessoas, independente de suas condições físicas, sensoriais e mentais, insiram-se socialmente, produzindo e usufruindo das conquistas da humanidade. A sociedade burguesa, que começou a ser edificada com o fim do feudalismo e com o surgimento do modo de produção capitalista, foi fazendo com que, aos poucos, os tradicionais costumes medievais fossem perdendo força e, em seu lugar, nascesse à cultura moderna. (ORSO, 2014, p.109).

O Instituto dos Meninos Cegos surgiu em meados do século XIX, no Brasil, em Rio de Janeiro pelo Imperador D. Pedro II. O acolhimento inicial foi aos alunos do Rio de Janeiro e Ceará, e só após o fim do regime monárquico o instituto recebeu alunos de outras cidades. A forma de matrícula desses alunos era feita pelo secretário de Estado dos Negócios do Império.

Outra instituição importante na época foi o Instituto de Cegos Padre Chico. Fundado em 1928, na cidade de São Paulo, atendia, em uma escola residencial, crianças em idade escolar. O Instituto, além de prestar serviços de assistência médica, dentária e alimentar, oferecia vários cursos, funcionando em regime de internato, semi-internato e externato. (CORRÊA, 2010, p.31).

Em 1857 foi criado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, o ensino era técnico-agrícola, direcionado aos alunos de famílias camponesas. Por volta de 1870, foram criadas oficinas de sapataria e encadernação. Nos primeiros anos da Instituição os alunos eram do Rio de Janeiro onde era a sede, e depois vieram outros alunos de outras cidades do Brasil.

Em 1882, o imperador fez uma importante convocação para se discutir a educação das pessoas com deficiência, no primeiro Congresso de Instrução Pública que aconteceria no ano seguinte. É interessante mencionar a preocupação, já nessa época, com a Educação Especial e destacar, inclusive, o tema "Sugestão de Currículo e Formação de Professores para Cegos e Surdos" como um dos assuntos em pauta no Congresso. (CORRÊA, 2010, p.32).

Com o passar dos anos, diversas conquistas foram sendo implementado, resultado do pensamento de inclusão que, aos poucos, vinha se fortalecendo. No campo da deficiência visual, por exemplo, vemos a difusão do braile:

Em 1943, instalou a imprensa braile para atender, inicialmente, aos alunos do Instituto. Seis anos mais tarde, esta imprensa passou também a distribuir, gratuitamente, livros às pessoas cegas. No ano de 1946, uma

Portaria ministerial equipara o curso ginásial mantido pelo IBC ao ginásio comum, dando início ao ensino integrado para cegos. Em 1947, o Instituto, juntamente com a Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, realizou o primeiro Curso de Especialização de Professores na Didática para Cegos. No período compreendido entre 1951 e 1973, o curso foi realizado em convênio com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep). (CORRÊA,2010, p.31).

A preocupação com as pessoas com deficiência se intensificou após a Segunda Guerra Mundial e alguns retratos feitos pelos artistas mostram como elas eram tratadas pela sociedade. Diante da pesquisa de Reily (2011)percebo que a produção dos artistas é mais referente a deficiências físicas e visuais talvez porque a deficiência intelectual, muitas vezes é imperceptível e ficaria difícil a leitura. Os franceses retratam soldados que voltavam mutilados e cegos em lutar pela sua pátria na imagem 3. O artista Jacques Louis David produziu a pintura o 'Belisário pedindo esmola'.

Trata-se de uma obra narrativa, que ilustra uma lenda parcialmente baseada em fatos da vida do general romano Belisário que viveu durante o reinado do Justiniano I, caiu em desgraça e ficou na prisão durante muitos anos, onde o puniram cegando-o. David representa o momento dramático em que o velho Belisário é reconhecido por um dos soldados que servira sob seu comando e antecipa a esperança por um futuro melhor. (REILY, 2011, p.227).

Imagem 3 - Belisário pedindo esmola



Fonte: Disponível em: <<http://virusdaarte.net/david-belisario/>>.

O pensamento de inclusão reforça que as pessoas com deficiência devem ser tratadas com respeito e devem possuir todos seus direitos cabíveis enquanto cidadãos, só que isso na realidade não acontece porque nossa sociedade na forma organizacional se estruturou não se preocupando com essa parcela da população. Entende-se, ao olhar para a imagem 4, que a pessoa com deficiência é retratada com naturalidade, com autonomia na sociedade, no entanto sabemos que na realidade em centros urbanos - isso já no século XX -convivemos com algo bem contraditório ao que se é retratado, e que segue nos dias atuais. Observando um desejo de que essa projeção fosse uma inclusão efetiva dessas pessoas na sociedade, vemos a pintura do artista John Wonnacott de 1940 'A Norwich escola de arte', óleo sobre tela, 193,5 x 264,8 cm.

Imagem 4 - A Norwich escola de arte



Fonte: Disponível em: <<https://www.artuk.org/discover/artists/wonnacott-john-b-1940>>.

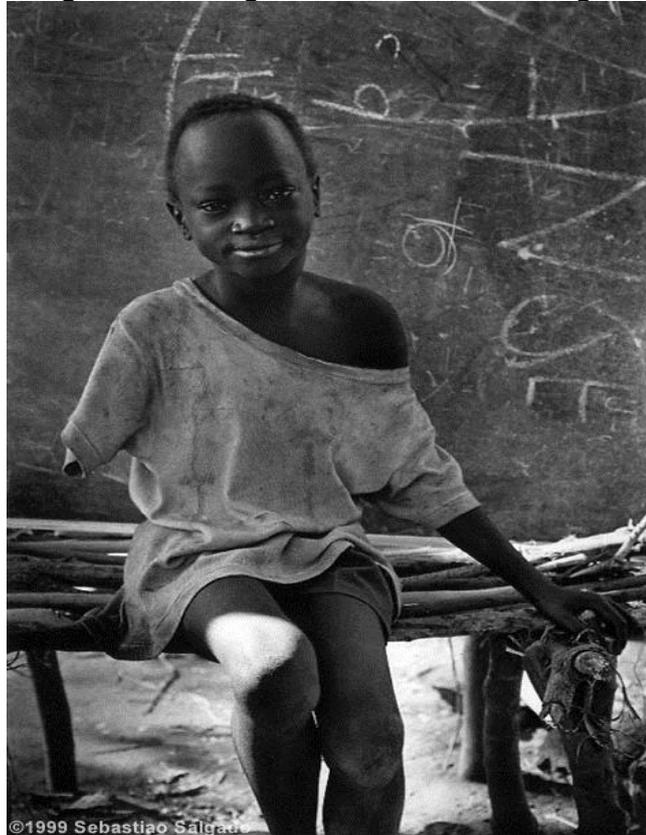
Os deficientes aparecem transitando pela cidade com autonomia ou acompanhados de outras pessoas, em movimento ou estacionados, em primeiro plano ou no fundo, como foco principal do quadro ou como parte do agrupamento ou de uma multidão. Às vezes, o enquadramento valoriza a amplitude dos espaços públicos, em outras ocasiões as figuras de interesse estão próximas do espectador. São definições que o artista usa ao construir sentidos literais ou metafóricos sobre o deficiente e suas relações na sociedade. (REILY, 2011, p.223).

Reily (2011)ressalta como os artistas retrataram a deficiência nesse contexto urbano e como cada um coloca vários pontos importantes de reflexão se

apropriando de metáforas que abrem diversas discussões, de situações que as pessoas tenham vivenciado diante de uma sociedade que não está preparada para aceitar as pessoas com deficiência.

Atualmente, no Brasil, a preocupação com a inclusão das crianças com deficiência na escola é a mais evidente. A consideração pelas suas potencialidades em desenvolvimento e o respeito pelo seu direito a proteger sua identidade, devem ser premissas da inclusão escolar. A fotografia do Sebastião Salgado retrata uma criança negra, pobre e com deficiência na imagem 5.

Imagem 5 - Fotografia do Sebastião Salgado



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/418482990347569624/>>.

O apoio da família nesse processo é de extrema importância, pois a escola não consegue ainda atender e resolver toda essa demanda educacional que consta da LDB n. 9.394/96, que em seu artigo 59, prevê:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível

exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora; V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Dessa forma observa-se que a inclusão educacional é um processo a ser construído. É fundamental falar da questão da escolarização, pois se as crianças, os adolescentes e os jovens não tiverem oportunidade do acesso à escola, poderão tornar-se uma pessoa vulnerável, sem exercício atitudinal.

Quem não tem direito de ter direitos não é cidadão nem mesmo nos termos meramente jurídicos. Apesar do apelo também danoso, a caridade se legitima pelo altruísmo do caridoso. De sentimento normalmente religioso, o caridoso vê na pessoa com deficiência apenas um objeto de remissão dos pecados. No entendimento do caridoso, a pessoa com deficiência não se enquadra no conceito jurídico de pessoa; portanto, não é sujeito de direito. (ROSA; WILHELM, 2014, p.128).

Com uma educação de qualidade, será possível superar a noção de caridade e assistencialismo com relação à pessoa com deficiência. O maior obstáculo na maior parte para as escolas é desenvolver práticas que atendam o processo de aprendizagem e o desenvolvimento das capacidades dos alunos de uma forma singular enquanto que a socialização das diferenças parece já estar acontecendo.

Uma das ações mais importantes nas sociedades é entender como as pessoas com deficiência se organizam nas suas vidas e a arte nos permite essas reflexões. A integração das pessoas que não possuem nem um tipo de deficiência com as que possuem, pode vir a ser um fator de sensibilização para ambas as partes. As pessoas que se relacionaram com a deficiência, principalmente se isso já iniciar na infância, podem de certa forma, encontrarem-se mais libertas em relação a preconceitos, estigmas e segregação decorrentes da nossa forma organizacional da sociedade. No entanto, para a maioria da população, muitos esforços estão sendo dedicados à discussão e reflexão sobre a inclusão da pessoa com deficiência nas sociedades. Uma das ações oriundas das políticas públicas nacionais é a “[...] oferta

de ensino das Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva [...]. (BRASIL, 2015, art. 28, inciso XII), favorecendo assim uma maior acessibilidade.

É importante ressaltar que a inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho no momento atual, vem sendo praticada por proprietários de indústrias que tem por obrigação adequar política de sua empresa à lei que obriga ter pessoas com deficiência pelo sistema de cotas. Mas isso é um risco de uma falsa inclusão, na realidade a empresa tem que estar disposta e preparada para receber a pessoa com deficiência para que ela se sinta de fato incluída no contexto de trabalho.

A primeira (lei federal nº 8.112/1990) criou uma reserva de empregos para pessoas com deficiência nos órgãos civis da União, autarquias e fundações públicas federais, ao estabelecer que às pessoas portadoras de deficiência é assegurado o direito de se inscrever em concurso público para provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras; para tais pessoas serão reservadas até 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas no concurso. (BRASIL, 1990, art. 5, inc. VI). A segunda (lei federal nº 8.213/1991), por sua vez, estabeleceu cotas compulsórias de postos de trabalho para pessoas com deficiência nas empresas privadas. (ORSO, 2014, p.120).

Atualmente, quando o assunto é pessoa com deficiência, percebe-se que a relevância de sua inclusão social está atingindo aos poucos a sociedade. Em outros tempos, essa parte da população era tratada como invisível e no decorrer da história, algumas vezes foram escondidos do convívio social pelos próprios familiares por exclusão e segregação que era atribuída dessa forma por falta de informação. Hoje, extinguir qualquer forma de discriminação pode vir a garantir o acesso de toda a população com deficiência aos bens e serviços disponíveis.

Diante de todos os relatos quanto às barreiras arquitetônicas e sociais que enfrentam cotidianamente fica a pergunta: a adversidade é a deficiência ou a falta de políticas públicas que favorecem condições adequadas de mobilidade, de formação sólida para educadores, enfim garantia dos direitos à vida digna? (CAIADO, 2011, p.217).

A inclusão de pessoas com deficiência nas escolas, no ensino regular tem sido uma das grandes conquistas ou ainda desafios na área da educação. Esse espaço que é de extrema importância para o desenvolvimento das crianças, adolescentes, jovens e adultos, contribuindo para a qualidade vida. Sabemos que de certo modo, o sistema escolar pode apresentar falhas, pois a escola - e tudo que a

compõe - muitas vezes não está preparada para receber o aluno com deficiência, mas esse movimento busca pensar formas de adaptação curricular para que esse aluno seja não apenas integrado ou inserido, mas incluído.

O termo adaptação curricular, relacionado ao modelo médico-psicológico de organizar as atividades educacionais aos diagnósticos e prognósticos clínicos sobre o desenvolvimento dos sujeitos, continua presente nas proposições políticas. A adaptação curricular ganhou historicamente, no campo da educação especial, o sentido de adequar métodos, técnicas e recursos aos diferentes diagnósticos dos alunos, a partir das categorias de deficiência: surdo, cego, deficiente físico, mental, múltiplo; das condutas típicas e das altas habilidades. (GARCIA, 2011, p.15).

Analisando nesse sentido, vejamos ainda o direito ao acesso as diversas formas de manifestações culturais, destacando a área da arte. Esse direito deve ser sim preservado, mas que contemple as pessoas com deficiência de uma forma efetiva. Vale ressaltar que “no Brasil, desde os anos 1990 [...] o governo federal tem implantado e/ou fomentado um conjunto de ações nas várias áreas dos serviços públicos, com a parte do que tem sido denominado “política de inclusão.” (KASSAR; ARRUDA; BENATTI, 2011, p.21).

As barreiras encontradas geralmente são no ambiente e não na pessoa com deficiência; pensar em inclusão efetiva, não é potencializar a deficiência antes da pessoa e sim promover integração e inclusão das pessoas na sociedade. A acessibilidade deve ser entendida como um fator de acesso seja no arquitetônico, tecnológico, trabalho, lazer, saúde e educação, e não ter essa inserção efetiva impossibilita o desenvolvimento da pessoa com deficiência tornando-se uma barreira. As pessoas com deficiência devem ter os mesmos acessos que uma pessoa sem nenhuma deficiência tem, mesmo que adaptado.

A classificação é uma marca da modernidade. Identificar para diagnosticar, diagnosticar para classificar, classificar para segregar, segregar para excluir. Neste cenário várias funções foram criadas, investindo de poder um exército de especialistas, que passaram a ter domínio sobre a vida e a morte das pessoas, exercendo, assim, o controle sobre a mente e o corpo de cada indivíduo. Para os “normais”, a vida em sociedade, para os “desviantes”, a segregação e o isolamento. (MARQUES, 2011, p.149).

Simi Linton é escritora, uma das renomadas especialistas com formação acadêmica em psicologia, que discute muito a inserção de pessoas nas artes e sistematização cultural, com o intuito de representar da melhor forma a deficiência

em todas as linguagens artísticas. “Simi Linton propõe a utilização de metáforas e aplicações simbólicas da deficiência se consolidam em padrões sociais que regem comportamentos e as concepções que a sociedade forma sobre a deficiência.” (REILY, 2011, p.230).Linton tem uma deficiência física adquirida no decorrer da sua vida: viajando de Boston para Washington, no ano de 1971, com intuito de protestar de forma oposta à guerra no Vietnã, sofreu um acidente automotivo, que a deixou paráliticos os seus membros inferiores.

No campo interdisciplinar de estudos da deficiência defendido por Linton, as artes teriam um papel importante ao ‘desmontar os estereótipos por meio da análise de metáforas, imagens e todas as representações das deficiências nas culturas acadêmicas e populares’ [...]. (REILY, 2011, p.221).

Na imagem abaixo podemos observar a fruição da pessoa com deficiência com a escultura, em MoMa, em Nova Iorque.

Imagem 6 - Fruição de pessoa com deficiência visual



Fonte: Disponível em:

<<http://aboanoticiadodia.tumblr.com/post/48356386628/impressoras-3d-ajudam-cegos-a-apreciarem-arte>>.

Na pintura ‘A Coroação de Cristo’, de Van Dyck 1620 (Imagem 7) podemos perceber como os movimentos artísticos retrataram as pessoas com deficiência de acordo com a estética do período artístico como por exemplo, o barroco trazia como características os arcos, portais e fachadas que faziam parte da composição que completam os espaços livres.

Como reevocação, representação ou imaginação, a imagem tem esse caráter enigmático e crítico que condensa extremos – o distante e próximo, o real e o imaginado, o presente e o passado - que podem unir elementos empíricos e simbólicos, criando tensões que articulam os extremos da materialidade e dos significados. (MARTINS, 2013, p.85).

Imagem 7 - A Coroação de Cristo, Van Dyck1620



Fonte: Disponível em: <<http://barrocosc.blogspot.com.br/2012/08/arte-barroca.html>>.

Martins (2013) em uma de suas pesquisas baseadas em arte, traz uma análise da pintura *Las Meninas* (Imagem 8), de Velásquez (1559-1660), descrevendo como vários artistas apropriaram-se de um recorte, enfocando a Infanta Margarida que apresenta na imagem 9. Essas diversas produções se deram utilizando outras linguagens artísticas e ressignificando de acordo com a temporalidade, embora mantendo a essência. “Em contraposição à temporalidade individual/subjetiva (Velásquez) e à temporalidade contextual (cotidiano na corte espanhola), temos um deslocamento que nos leva ao *tempo de recepção*[...]” (MARTINS, 2013, p.87).

Imagem 8 - Las Meninas, Velásquez (1559-1660)



Fonte: Disponível em:
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Meninas_\(Vel%C3%A1zquez\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Meninas_(Vel%C3%A1zquez))>.

Imagem 9 - Infanta Margarida



Fonte: Disponível em:
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Meninas_\(Vel%C3%A1zquez\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Meninas_(Vel%C3%A1zquez))>.

Um desses artistas foi Salvador Dali que traz o holograma no qual inseria a Infanta Margarida em outro contexto, trazendo para seu tempo como vemos na imagem1. “Dali leva a infanta Margarida para conhecer seus amigos de juventude no bar onde costumava frequentar em Figueres, Espanha, cidade onde nasceu e viveu até os 18 anos.” (MARTINS, 2013, p.88).

Imagem 10 - Holograma - Infanta Margarida com Dali e amigos em um bar



Fonte: Livro - Pesquisa Educacional Baseada em Artes - A/r/tografia, p.88.

Outro artista que trabalhou a obra foi Picasso, pelo cubismo, movimento artístico que se apropria de formas geométricas retratando infanta Margarida a conforme a imagem 11.

São muitos exemplos de interpretação da pintura de Velásquez feitos por outros artistas e designers a partir de outro tempo de recepção, ou seja, o modo como interpretaram e integraram a imagem a situações e experiências contemporâneas, locais, estilizando-a, aculturando-a, popularizando-a ou, até mesmo, transformando-a em objeto de decoração. (MARTINS, 2013, p.89).

Imagem 11 - Infanta Margarida: Picasso (1881-1972)



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/365917538443890436/>>.

Em sua investigação a partir da infanta Margarida, Martins (2013) pressupõe que a ressignificação passa por várias possibilidades de criação e nesse sentido vejo que é possível fazer produções que saem da forma comum de elaboração de uma produção artística, como manifestou o artista Miró (1930 apud MARTINS, 2013, p.93), que também se apropriou da infanta de Velasquez com o desejo de:

[...] abandonar os métodos convencionais de pintura [...] de matá-los, assassiná-los ou violá-los para poder favorecer uma forma de expressão que fosse contemporânea e não querer submeter-se as suas exigências, à sua estética.

De certa forma, as palavras da citação acima reforçaram minha intenção de elaborar um trabalho artístico valendo-me também do meu interesse pela moda pois “[...] ao pensar com imagens, buscamos possibilidades de promover outros espaços e ideias, extraído dos fluxos do tempo oportunidades de ensinar, aprender,

socializar, politizar, educar e criticar nos contrapondo a homogeneidades históricas, artísticas e educacionais.” (MARTINS, 2013, p.85).

Depois de fazer esta pesquisa de como eram retratadas as pessoas com deficiências pelos artistas ao decorrer da história, senti a necessidade de investigar e contextualizar sobre a arte contemporânea, para melhor compreensão e entendimento do que pretendo com a minha produção artística.

4 A PRODUÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Na atualidade o papel do artista é não mais se prender a preceitos estéticos que limitam a produção do seu trabalho. Esse movimento que é arte contemporânea vem mostrando que não necessariamente é o belo que deve estar em questão e sim à intenção do artista com sua produção, com o contexto social e com a ideia de que o processo é mais instigante do que o resultado final. A arte já não é somente quadros pintados, desenhos minuciosamente perfeitos, porém apresentam-se outras formas de considerar o que é arte na contemporaneidade. A arte contemporânea tem como papel comunicar de uma forma indireta ou direta assuntos da sociedade. “Ou seja, o artista contemporâneo instaura na sua poética uma provocação, instiga o pensamento e a sensibilidade e exige por parte do receptor/fruidor uma interpretação ativa.” (LAMAS, 2007, p.7).

Nesse sentido vemos que a arte contemporânea vem se apropriando/deslocando a exposição das produções artísticas para outros espaços que não sejam necessariamente museus e galerias. A arte já pode ser apreciada muitas vezes nas ruas, por exemplo, com um formato de manifestação da situação atual dos problemas sociais, entre outros. Esse tipo de arte é conhecido como Street Arte e destaca as linguagens artísticas como instalações, pinturas, esculturas, dança, música e teatro. A arte urbana vem com intuito de abrir espaços para os artistas que estão no anonimato para que, de certa forma, possam vender seu trabalho, o divulgando e ao mesmo tempo atingindo um número maior de pessoas.

O período modernista surgiu no início do século XX e antecedeu as ideias sobre a arte contemporânea. Foi um movimento literário e artístico que vem com esse propósito de libertação estética, destacando principalmente nas artes plásticas com ênfase na pintura. Por volta de 1922 aconteceu a Semana Arte moderna no qual os artistas brasileiros que estavam fora país regressam e provocam mudanças através de suas produções artísticas. “A arte moderna origina-se de uma ruptura com o antigo sistema de academismo, extremamente protegido, centralizado, orientado segundo o julgamento suscitado pelo salão.” (CAUQUELIN, 2005, p.52). A arte contemporânea surge na metade do século XX, rompendo alguns preceitos estéticos dando início a novas linguagens artísticas.

Nesta pesquisa venho investigando como vem se desenvolvendo produções artísticas que tenham como característica a interação das pessoas, como

instalações, performance entre outras - mesmo que não seja pensado e direcionado ao público de pessoas com deficiências de certa forma acaba abrangendo essas pessoas - e se tem artistas que estão preocupados com a realidade das pessoas com deficiência.

Quando podemos interagir com a obra de arte de uma forma mais direta, isso nos aproxima de uma fruição diferenciada e intensa, provocando sensações dos nossos sentidos que, no caso de pessoas com deficiência, podem estar comprometidos, mas que de uma forma ou de outra, não limitam o acesso. Nesse sentido é necessário “[...] reconhecer o desenvolvimento de algumas tecnologias e teorias relevantes para o segmento, como [...] o surgimento do debate do oralismo X gestualismo [...], o desenvolvimento do sistema *Braille* [...].” (CARVALHO; TURECK, 2014, p.40) e pesquisas na área da deficiência intelectual.

Sabemos que a arte contemporânea tem como intuito provocar nossa interpretação de acordo com nosso repertório e assim ela pode contribuir na ampliação das reflexões em relação às pessoas com deficiência, a fim de sensibilizar também pessoas que não possuem nenhum tipo de deficiência, trabalhando com a possibilidade de se colocarem uns no lugar dos outros.

As instalações são tipos de produção artística que podem acontecer em espaços desde galerias e museus até nas ruas, praças, casas, lagos entre outros. A instalação pode ser efêmera, existindo somente para uma determinada exposição em determinado tempo, ou pode ser desmontada e ir para outro local. Essa linguagem artística que se conceitua num espaço/tempo, pode conter os elementos característicos das mídias e também o elemento sensorial: percepções térmicas, olfativas, auditivas, táteis, visuais. Algo que nas pessoas com deficiências pode ser muito explorado no sentido da fruição em relação à produção artística.

Desse modo, se o artista contemporâneo atravessa espaços, transita e oscila entre especificidades e modalidades, pensar conceitos e desdobramentos da prática híbrida e elástica da instalação co-implica expandir o conceito *site*, tomando como prática nômade, pressupondo-se todos os prolongamentos do espaço-tempo, as especificidades e as diferenças de quem ali possa adentrar e as redes rizomáticas de sentidos e afetos agenciados nessa relação provisória. Proposições artísticas implicam inconclusões, porosidades, movimentos e múltiplas situações. E adentrar, percorrer, ser atravessado, estar imerso ou ser capturado/solicitado (algumas vezes, sem saber) por uma proposição artística, seja ela uma inserção, um micro intervenção urbana e/o doméstica ou uma mini instalação, inclui nossa própria vida como processo a ser catalisado e reinventado. (STOLF, 2007, p.84).

Nesse processo de pesquisa me deparei com trabalhos lindos e minuciosos, da produção artística de Leda Catunda. O mais interessante é perceber que ela utiliza como materiais, tecidos, estampas, sobreposição de tecidos, cores e formas. Trabalhar com tecido não é algo muito fácil, pois devemos conhecer como o tecido se comporta em relação às suas estruturas, seus caimentos e sua textura no ato da produção.

O artista Helio Oiticica, com os 'Parangolés', utiliza pedaços de tecido que tornam toda a experiência multissensorial envolvendo a dança do corpo, ressaltando a tradição cultural dos negros e o samba como uma relutância social. No ano de 2000:

[...] ele vestiu, com os parangolés, as prostitutas que trabalham nas redondezas do Centro Cultural Hélio Oiticica, na cidade de Rio de Janeiro. A *performance* igualmente incorporou um grupo excluído, por meio da ativação do parangolé. Essas duas ações se destacam como formas de *performance* (a do samba e as das prostitutas), incorporadas em uma outra condição artística (o parangolé). A característica do parangolé permite um *habitat* para outros tipos de *performance*. (NUNES, 2007, p.68).

Já a artista Marina Abramovic, que reflete sobre o corpo como objeto e se apropria do espaço de instituições culturais, realiza performances como a intitulada 'Ritmo' que, na qual trabalhou a dominação do corpo feminino como um objeto inerte a ação do outro.

Na mesa havia diferentes objetos: revólver, serra, pente, chicote, batom, garrafa, perfume, tinta, mel, rosa, uvas, faca, fósforos, laminas de barbear. Até o final da *performance*, sua roupa foi retirada com as facas, a artista foi cortada, pintada, limpa, coroada com uma coroa de espinhos e, num determinado momento, o revolver carregado foi apontado para sua cabeça. (NUNES, 2007, p.68).

O artista Manolo Valdés traz a infanta Margarida em três dimensões- altura, largura e profundidade - trabalhando uma instalação (Imagem 22) que viajou por algumas cidades. "A partir do seu tempo de recepção, Manolo Valdés desenvolveu diversas interpretações da infanta Margarida, instalação em tamanho real, que viajaram pelo mundo ocupando as ruas de Valladolid (Espanha) [...]." (MARTINS, 2013, p.90).

Imagem 12 - Las Meninas (2006), Instalação: Manolo Valdés



Fonte: Disponível em: <<http://kikoesperilla.blogspot.com.br/2009/05/las-meninas-salen-de-paseo.html>>.

Outra forma como pode ser apresentada a arte contemporânea é o hibridismo que une, por exemplo, o teatro e a dança observando o diálogo entre as linguagens artísticas que envolvem o corpo expressivo, performático. Algo em questão não é a estética de cada uma de uma linguagem separada, mas sim a necessidade do que precisa ser expresso.

A dança-teatro aproxima-se das experiências do cotidiano do corpo no contexto de políticas sociais desencadeadas pelos anos de 1970 e 80. O descompromisso com a narrativa linear de uma fábula ou personagem faz com que a história a ser contada pela dança-teatro seja a do corpo social, em justaposição ao testemunho pessoal dos intérpretes. Sábia em deslocar situações do cotidiano e extrair-lhe a vertente poética, Pina Bausch cria cenas mesclando leveza, humor, beleza e acidez crítica. As cenas vão da afetividade à incomunicabilidade entre as pessoas, concebidas por meio de movimentos, gestos, atos de fala e exímia plasticidade. Ela não vê o bailarino sozinho no espaço, mas na sua complementaridade com as outras de artes. (MEYER, 2007, p.23).

Todo este estudo instigou ainda mais as ideias e os desejos para efetivar a produção artística que compõe este Trabalho de Conclusão de Curso, no entanto, senti a necessidade de escrever brevemente sobre a moda, que apresento a seguir.

5 HISTÓRIA DA MODA

A moda vem sendo explorada nesta pesquisa devido ao meu interesse particular pelos materiais como tecido, cores, aviamentos, modelagem entre outros, considerando que a roupa pode distinguir a identidade de classes sociais, profissão, gênero, isso no âmbito geral.

Por ela, podemos contextualizar estudos históricos, observar hábitos e costumes, distinguir o gosto, entender o processo criativo, estudar a economia, verificar o desenvolvimento tecnológico e, mais do que tudo isso, compreender também, mediante seu estudo e observação e de seu significado cultural, a mente humana. De natureza sazonal, a moda surge na história como uma verdadeira estratificadora social. (BRAGA, 2006, p.22).

A moda também traz a questão de hábitos e costumes da cultura da sociedade de seu período e fica muito nítido que a moda se manifestava na hierarquia social de uma forma demasiada para distinção de classe, pois os proletariados não tinham condições de seguir a moda.

Após a Revolução Francesa, as diferenças sociais deixaram de ser empresadas pelas leis, passando a se manifestar de forma sutil por meio de indicadores como, por exemplo, a qualidade dos tecidos e da confecção. Depois, a moda perdeu seu caráter elitista, tornando-se pseudodemocrático - isto é, alta costura continuou acessível apenas para alguns; a diferença é que outras camadas da população puderam de algum modo popularizá-la. Uma outra forma de reação à tirania da alta costura pode ser vista nos atuais movimentos oposicionistas como, por exemplo, aquele liderado pela sociedade juvenil de consumo, chamado 'antimoda'. (NERY, 2003, p.9).

A forma como nos vestimos vem ao encontro muitas vezes, das nossas intenções, anseios e sentimentos. O ato de se vestir relaciona-se a todo um contexto social em que estamos inseridos e seguimos muitas vezes padrões impostos pela nossa sociedade, como, por exemplo, o senso comum na atualidade, de que rosa é para meninas e azul é para meninos.

No período da pré-história a indumentária⁴ tinha uma funcionalidade à proteção contra frio no período da era glacial na Europa. Entendo que até nesse momento já existia um processo de confecção das roupas e é interessante ressaltar a modelagem que se tinha nessas roupas em relação ao corpo na imagem 13.

⁴Indumentária: História do vestuário ou de hábitos relacionados com o traje em determinada época, local, cultura etc.

Como a fiação e tecelagem eram ainda desconhecidas, para prender suas roupas em torno do seu corpo, esses homens passavam tendões de animais ou cordões de fibras de vegetais através de pequenos furos, usando espinhos, ossos ou pedras perfuradas. Descobriram assim a costura com agulhas! Após caçar os animais para tira-lhes o couro, aprenderam a curti-lo, tornando-o maleável, para depois poder cortá-lo e moldá-lo melhor ao corpo. (NERY, 2003, p.13).

Imagem 13 - Indumentária: Pré-história



Fonte: Disponível em: <<http://vestuariodaantiguidade.blogspot.com.br>>.

Com o passar do tempo a indumentária foi mudando, de acordo com a evolução dos povos, como, por exemplo, os Egípcios tinham toda uma estrutura já de formato de sociedade, no qual a forma de governar era por reinado, isso torna a organização dividida entre nobres e pobres. As roupas era indicadores de classe social.

A casta superior usava uma vestimenta variada, porém de corte extremamente simples. Suas roupas eram feitas de linho e algodão na cor natural, de preferência branca. Os ricos adoravam transparência que permiti adivinhar a coloração da pele de seus belos corpos. Os tecidos de fibras vegetais são fáceis de lavar, o que era importante para um povo que achava a higiene essencial e que considerava a lã impura. Pela mesma razão, as cabeças de ambos os sexos eram raspadas e cobertas depois por perucas. (NERY, 2003, p.24).

Depois dessa volta ao passado, para melhor compreensão vejo que a moda está sofrendo mudanças até momento atual. Ela apresenta-se com uma roupagem de várias facetas e pode enganar aqueles que acreditam no que veem. A história da moda no decorrer dos tempos revela aspectos de uma relação dos sujeitos com o corpo, mas também no contexto social.

A moda é muito dissimulada; chega a ser mágica ao denunciar uma condição social, seja escondendo o que não se quer mostrar ou mostrando o que se quer esconder: é o caso do afortunado disfarçando sua condição financeira, bem como de um menos favorecido economicamente aparentando o que de fato não é. (BRAGA, 2006, p.17).

Nesta investigação, tentando justificar meu interesse pela área da moda encontro apoio na arte conceitual que segundo Braga (2006, p.28), amplia as oportunidades de produção artística:

Ao transformar os objetos cotidianos em obras de arte denominadas *readymade*, Duchamp permitiu que toda a produção artística posterior se deixasse embalar numa diversidade tal que qualquer coisa poderia ser transformada em arte. A sorte lançada por esse artista favoreceu diversas outras possibilidades de produção cultural, que talvez tenham culminado com as premissas da arte conceitual, na qual a ideia (qualquer que seja) era obra de arte em si, não necessitando na maioria das vezes, sua materialização. Isso tudo nos trouxe um gigantesco, talvez infinito, universo de possibilidades diversas.

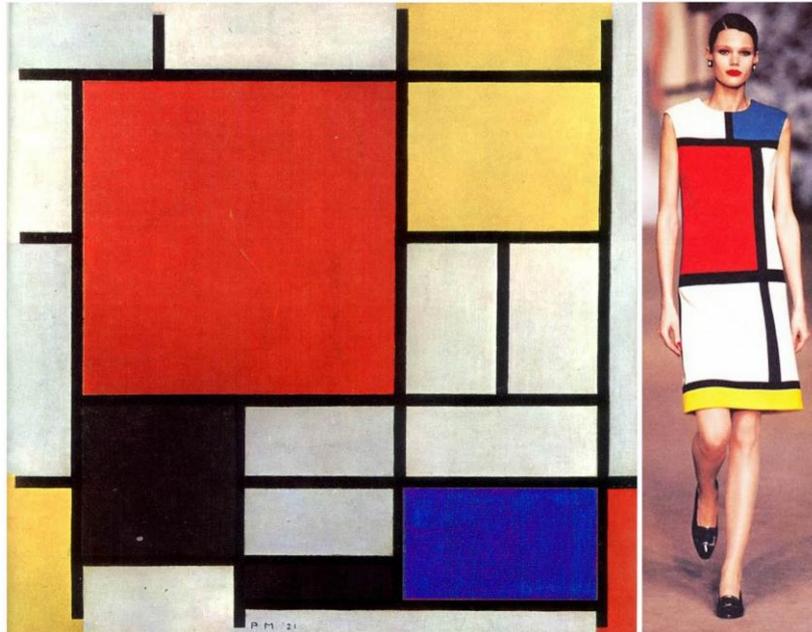
Dessa forma, me senti à vontade para mergulhar num processo criativo que aliasse a moda, a arte e minhas preocupações com a inclusão social da pessoa com deficiência. Decidi por trabalhar com a moda em interface com artes visuais concordando com a ideia de Lampert (2013, p.88) que concluiu a partir de suas experiências como artista e professora, “eu pensei: não basta ter acesso, é preciso saber o que fazer com o conhecimento.”

Um exemplo da história nos mostra que a moda dialoga com a arte, quando a estilista Yves Saint Laurent, cria um vestido Mondrian⁵ na imagem 14a partir da produção artística ‘Composição com Vermelho, Amarelo e Azul’, do artista Piet Mondrian, feita no ano de 1921.

⁵O vestido foi criado em 1965, tendo destaque na alta costura na década de 60, aproximando a moda com a arte moderna. Disponível em: <<http://artedescrita.blogspot.com.br/2012/01/vestido-mondrian-de-yves-saint-laurent.html>>.

Se esse diálogo intertextual pode ser realizado com base em conjunto particular, outros diálogos podem também ser apreendidos, cuja relação interpretativa vai depender da leitura do analista. Isso, em moda, é absolutamente frequente, pois quase tudo, nela é considerado “leitura revisitada” proposta por seu movimento cíclico. (CASTILHO; MARTINS, 2005, p.79).

Imagem 14 - Vestido Mondrian



Fonte: Disponível em: <<http://artedescrita.blogspot.com.br/2012/01/vestido-mondrian-de-yves-saint-laurent.html>>.

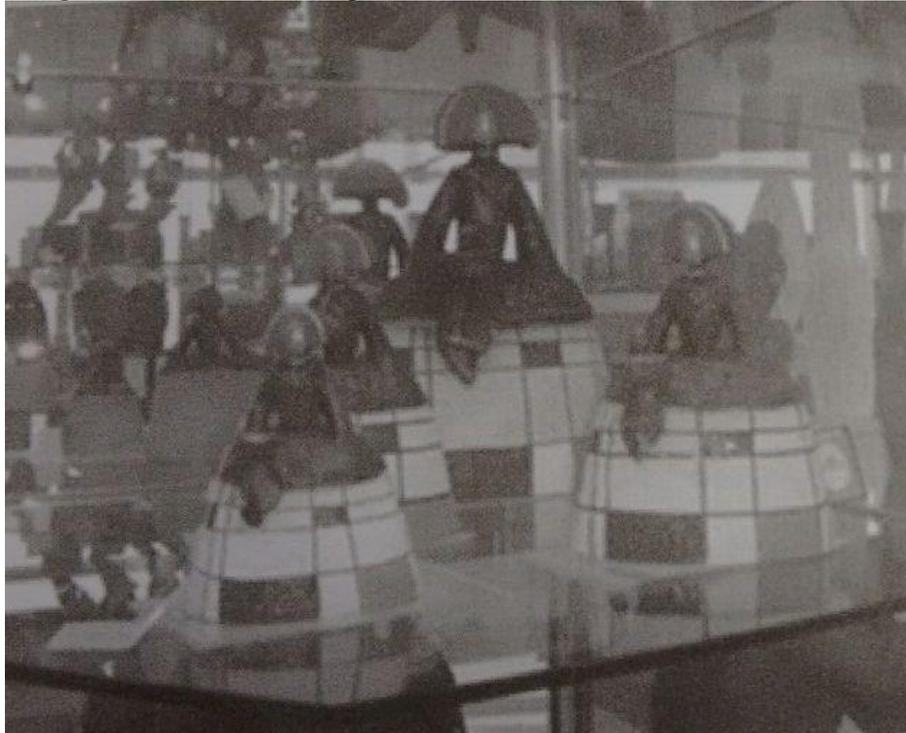
No entanto, a moda não tem sido muito favorável em relação às especificidades que encontramos na sociedade, especialmente naquelas das pessoas com deficiência física. As pessoas obesas apenas recentemente têm conseguido ter acesso a roupas pensadas para seus corpos, com nicho de mercado *plussize*, constituindo assim uma quebra de paradigma, de padrões de beleza e preconceito. Surge à necessidade de fazer modelagens apropriadas para aquele tipo de corpo específico, o corpo de alguém que não esteja incluído nos padrões da grande massa populacional. A padronagem é algo fechado que não permite algo ser tratado com singularidade e não só afeta pessoas com deficiência, mas também outras minorias entre as diversidades da população.

A proposta de criação de qualquer traje como “discurso” é instaurado com base na percepção do meio circundante que consegue imprimir na criação do traje as qualidades ou problemáticas de seu tempo, que respondem a uma maneira de o sujeito integrar-se ao universo de valores até então estabelecidos. Por isso, o corpo como suporte das roupas e articulador de significações necessita revestir-se com as representações significativas de

sua cultura, e isso o faz interagir e representá-la em seus anseios, concepções, angústias e projeções. (CASTILHO; MARTINS, 2005, p.33).

Por outro lado, o artista Mondrian dialoga com a obra Las Meninas de Velásquez quando retrata a infanta Margarida (Imagem15) de uma forma diferente saindo da tela e pintura.

Imagem 15 - El Corte Inglês, Lisboa: Artista Mondrian



Fonte: Livro - Pesquisa Educacional Baseada em Artes – A/r/tografia, p.92.

[...] a infanta flerta com equilíbrio assimétrico de Mondrian, onde a predominância de linhas e cores, resultantes de um exercício quase matemático, valoriza os dualismos conteúdo-forma, matéria-espírito, individual-coletivo, transformando a tela em um plano. (MARTINS, 2013, p.92).

A obra Las Meninas teve repercussão na área da moda com a criação do estilista Christian Dior (Imagem 16) para uma coleção de perfumes.

As meninas começaram sua viagem pelos jardins do Palais Royal de Paris e, na sequência, visitaram muitos países e cidades. Algumas foram ficando pelo caminho, “como Düsseldorf, Alemanha, onde ficaram três esculturas. Outra Menina ficou em Mônaco” (VALDÉS, 2007). A turnê, embora longa e estafante, foi muito bem-sucedida e, em decorrência desse reconhecimento, o artista espanhol aceitou o convite de Christian Dior para criar a coleção de perfumes “Las Meninas”. (MARTINS, 2013, p.91).

Imagem 16 - Coleção de perfumes “Las Meninas”



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/megumisaito3726/las-meninas/?lp=true>>

Assim, em meio a estudos teóricos, imagens e minhas inquietações com relação à pessoa com deficiência, iniciei o processo de produção artística com foco na (in)visibilidade delas, por isso, a relevância das palavras ‘EU EXISTO’, que compõem o trabalho.

6 PROCESSO DE CRIAÇÃO: RESSIGNIFICANDO A PESQUISA

Dando início então ao processo de criação fui à busca do manequim que seria a melhor forma de representar a forma humana e fazer as intervenções necessárias. Fui em alguns lugares indicados por amigos e nesse momento ainda não tinha sequer pensando na questão de gênero; encontrei um manequim (Imagem 17) no SESC de Araranguá, e o obtive por meio de doação. O manequim estava todo enfaixado provavelmente tinha sido usado para outra coisa e descobri que ele era um manequim masculino, a partir daí comecei a pensar minha produção artística.

Imagem 17 - Pesquisa de manequins



Fonte: Acervo do pesquisador.

Comecei a idealizar como seria essa roupa reafirmando-me em questões que se referem à produção de roupas para pessoas com deficiências, questões essas que não são pensadas porque a padronização faz com que isso seja esquecido.

A ficha técnica então foi construída e é a partir dela que se estrutura a informação para elaboração da modelagem e costuras, para ser feito o modelo de acordo como foi idealizado nas imagens 18, imagem 19, imagem 20 e imagem 21 com uso de software Corel Draw. Essa ficha técnica segue até a costura, ela é um documento da peça, pois é através dela que a costureira vai fazer as costuras e detalhes, para que não se perca no caminho a criação que foi pensada lá no início da ficha técnica. “A ficha técnica é o documento descritivo de uma peça de coleção.” (TREPTOW, 2005, p.165).

Criei a primeira ficha técnica sem as alterações, como se a roupa fosse feita para pessoas sem deficiência, e depois fiz a alteração de acordo com a pessoa com deficiência e nesse momento percebi que pensar a roupa para pessoa com deficiência é algo muito singular, tem que observar a necessidade da pessoa com deficiência.

Imagem 18 - Ficha técnica calça Jeans sem alteração

FICHA TÉCNICA		
Designer: Leisla Costa	Data: 08/05/2017	Tecido: Jeans com elástano
Modelista: Leisla Costa	Modelo: Calça Jeans	Aviamentos: Botão, velcro e elástico
Código do Molde: 01	Tamanho: M	Composição: Algodão 80% elástano 20%

FRENTE	COSTA
<p>cós de 4,0cm</p> <p>bolso 2 agulhas</p> <p>botão de massa, falso</p> <p>bolso relógio 2 agulhas</p> <p>braguiha com velcro</p> <p>bainha de 1,5cm 1 agulha</p>	<p>passante de 1,5cm</p> <p>cós de elástico 4,0cm</p> <p>bolso chapado 2 agulhas, com filigrana</p>
Observações <ul style="list-style-type: none"> - Colocar no lugar do zipper o velcro; - Colocar botão de massa falso; - Fazer o corte da calça da perna direita. 	Tabela de medidas <ul style="list-style-type: none"> - Cintura: 85cm; - Quadri: 95cm; - Comprimento: 100cm.

Fonte: Acervo do pesquisador.

Imagem 19 - Ficha técnica calça jeans com alteração

FICHA TÉCNICA		
Designer: Leisla Costa	Data: 08/05/2017	Tecido: Jeans com elástano
Modelista: Leisla Costa	Modelo: Calça Jeans	Aviamentos: Botão, velcro e elástico
Código do Molde: 01	Tamanho: M	Composição: Algodão 80% elástano 20%

FRENTE	COSTA
<p>cós de 4,0cm</p> <p>bolsos 2 agulhas</p> <p>botão de massa, falso</p> <p>braguilha com velcro</p> <p>bainha de 1,5cm 1 agulha</p> <p>altura da perna 53cm</p>	<p>passante de 1,5cm</p> <p>cós de elástico 4,0cm</p> <p>bolso chapado 2 agulhas, com filigrana</p>
<p>Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> - Colocar no lugar do zipper o velcro; - Colocar botão de massa falso; - Fazer o corte da calça da perna direita. 	<p>Tabela de medidas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cintura: 85cm; - Quadril: 95cm; - Comprimento: 100cm.

Fonte: Acervo do pesquisador.

Imagem 20 - Ficha técnica camiseta sem alteração

FICHA TÉCNICA		
Designer: Leisla Costa	Data: 08/05/2017	Tecido: Malha mescla e ribana
Modelista: Leisla Costa	Modelo: Camiseta	Aviamentos: linha 120, fio overlocke
Código do Molde: 02	Tamanho: M	Composição: 96% poliéster 4% elástano

FRENTE	COSTA
<p>decote em V com acabamento em ribana</p> <p>EU EXISTO</p> <p>estampa frontal fonte da letra: stencil</p>	<p>ribana</p> <p>bainha na galoneira, 1,5cm</p> <p>bainha na galoneira, 2,0cm</p>
<p>Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estampa na parte frontal; - Ribana como detalhe no decote. 	<p>Tabela de medidas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Costas: 41cm; - busto: 88cm; - Comprimento do braço: 58cm; - Largura do braço: 36cm.

Fonte: Acervo do pesquisador.

Imagem 21 - Ficha técnica camiseta com alteração

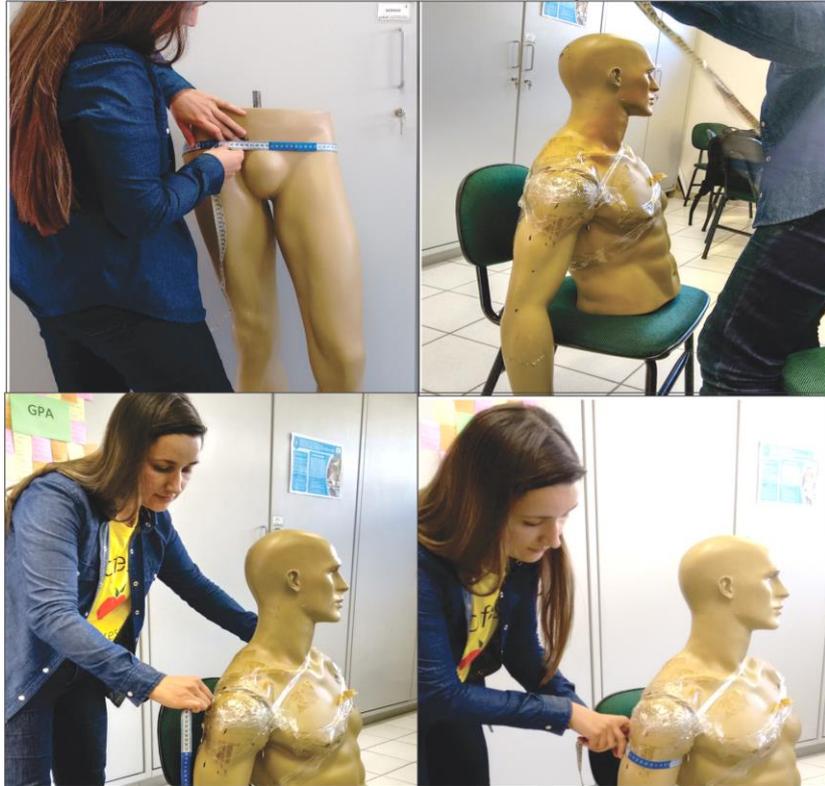
FICHA TÉCNICA		
Designer: Leisla Costa	Data: 08/05/2017	Tecido: Malha mescla e ribana
Modelista: Leisla Costa	Modelo: Camiseta	Aviamentos: linha 120, fio overloque
Código do Molde: 02	Tamanho: M	Composição: 96% poliéster 4% elástano
<p style="text-align: center;">FRENTE</p>		<p style="text-align: center;">COSTA</p>
<p style="text-align: center;">Observações</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estampa na parte frontal; - Ribana como detalhe no decote; - Retirar a manga do lado esquerdo. 		<p style="text-align: center;">Tabela de medidas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Costas: 41cm; - busto: 88cm; - Comprimento do braço: 58cm; - Largura do braço: 36cm.

Fonte: Acervo do pesquisador.

Seguindo com a produção o próximo passo foi tirar as medidas do manequim para fazer a modelagem plana. A construção da modelagem a princípio foi para uma pessoa sem deficiência para depois fazer as alterações necessárias no molde de acordo com a deficiência da pessoa. Nesse momento é que devemos pensar a funcionalidade da peça de roupa para pessoa com deficiência, isso gerou muitos questionamentos na hora da construção da ficha técnica que é processo antes da modelagem. Era preciso ver e rever os insumos que trariam melhor funcionalidade, ao invés do zíper utilizei velcro.

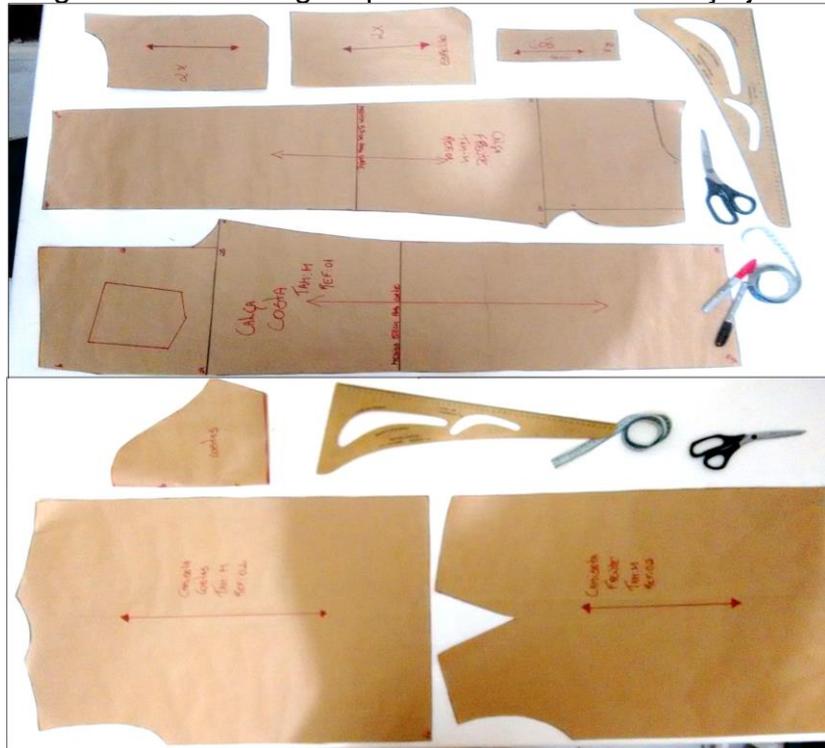
A modelagem plana é feita em tamanho real, a partir da ficha técnica devido ao modelo que deve ser mantido até o final do processo da confecção, e das medidas que foram tiradas do manequim na imagem 15; essa modelagem foi pensada exclusivamente para esse corpo e o momento gerou vários questionamentos: de que forma iria pensar essa modelagem (Imagem 22), olhando a ausência de membros, trazendo um olhar sensível. Iniciei pela modelagem plana, onde “[...] os modelos são traçados sobre papel, utilizando uma tabela de medida e cálculos geométricos. A tabela de medidas representa as circunferências de busto ou tórax cintura e quadril, medidas com a fita métrica rente ao corpo.” (TREPTOW, 2005, p.154).

Imagem 22 - Tirando medidas do manequim



Fonte: Acervo do pesquisador.

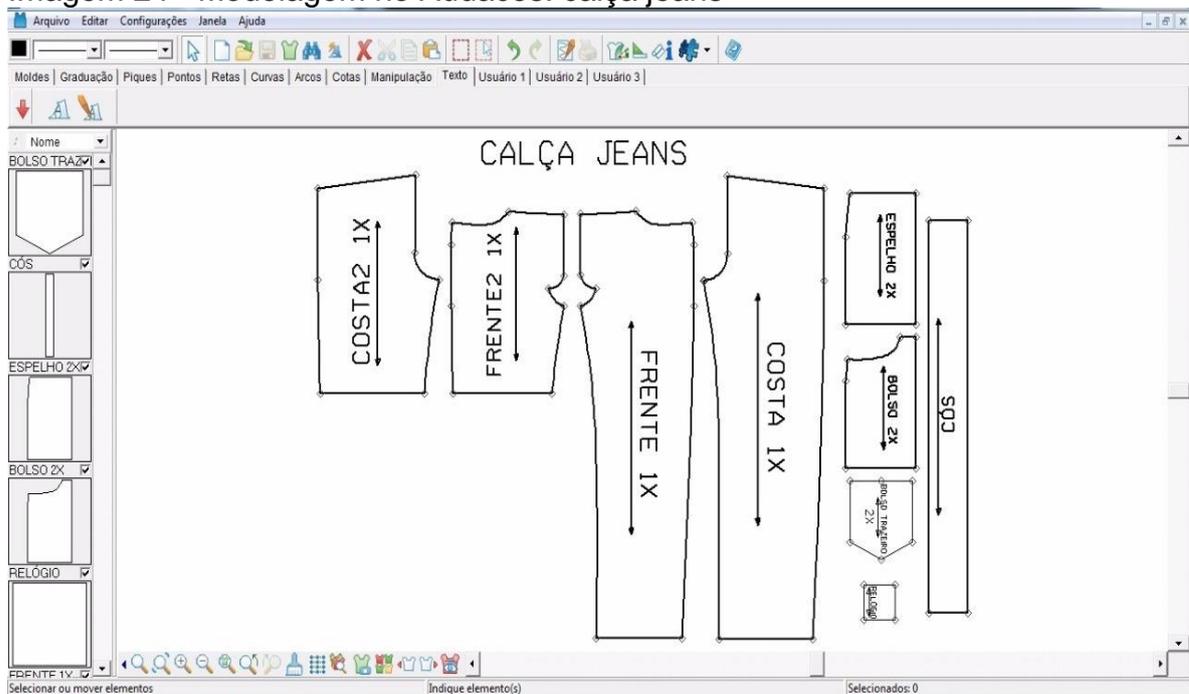
Imagem 23 - Modelagem planados moldes da calça jeans e camiseta



Fonte: Acervo do pesquisador.

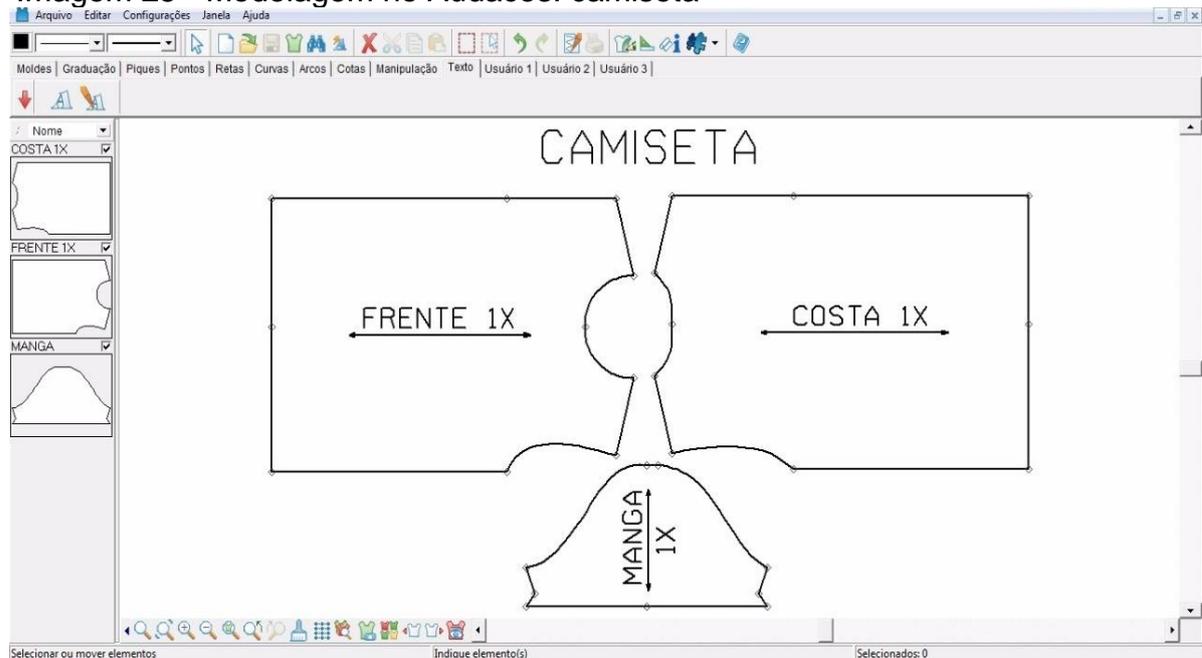
No processo fiz a calça para uma pessoa sem deficiência, porque ainda não tinha definido qual das pernas retirar, mesmo que idealizei na ficha técnica a perna que ia cortar, pois tive problema em relação como expor esse manequim se ia ser suspenso ou por um suporte. A camiseta manteve a idealização da ficha técnica. Para melhor ilustrar (Imagem 24 e Imagem 25) fiz a modelagem em *software* utilizado pelas indústrias conhecido como *Audaces*, agilizando o processo de produção dos moldes, pois nas empresas o fluxo de pedidos de confecção de roupas é maior. “Alguns programas permitem, além da manipulação de moldes prontos inseridos no sistema, a interpretação de moldes na tela, por meio de medidas ou pela movimentação dos pontos com o mouse.” (TREPTOW, 2005, p.156).

Imagem 24 - Modelagem no Audaces: calça jeans



Fonte: Acervo do pesquisador.

Imagem 25 - Modelagem no Audaces: camiseta



Fonte: Acervo do pesquisador.

Essa parte do processo é o corte do tecido a partir da modelagem pronta, seguindo o fio do tecido, conhecer o material (Imagem 26) como ele se comporta quando manuseado é de suma importância. Daqui segue para costura, só em caso de estampa, deve ser feito antes.

Imagem 26 - Corte do tecido



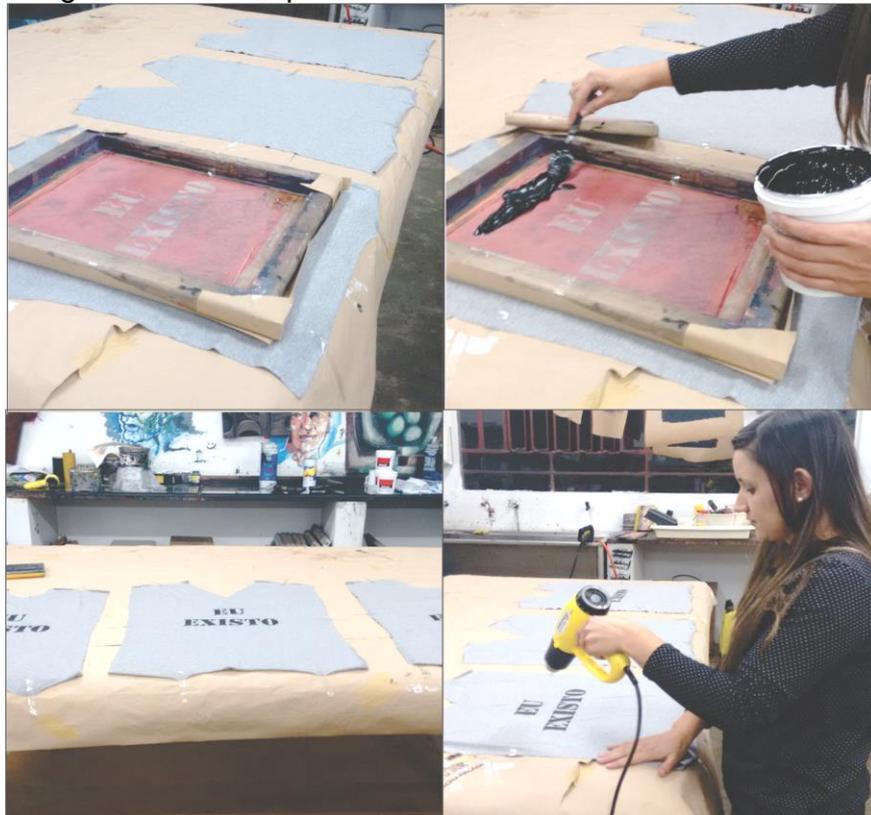
Fonte: Acervo do pesquisador.

A escolha da estampa foi pensada a partir das leituras e escritas sobre a invisibilidade da pessoa com deficiência ao longo de muitos e muitos anos e até a atualidade.

Mesmo aqueles que dispõem de uma cultura erudita ou que conseguem formular uma consciência crítica a respeito da realidade reproduzem, em suas práxis, quase as mesmas atitudes preconceituosas e discriminatórias em relação àqueles que pertencem a esse segmento social. Via de regra, não consideram que as pessoas com dificuldades físicas, sensoriais e mentais também compõem a totalidade social. (ORSO, 2014, p.109).

“EU EXISTO” - fonte utilizada foi a *stencil* e pretendeu provocar as pessoas para uma reflexão de como nossa sociedade trata algumas questões relacionadas às pessoas com deficiência na imagem 27. O procedimento ideal para estampar é fazê-lo antes de fechar a peça, para que a estampa não borre a parte da costa, além de que fica melhor para manusear o tecido. “A matriz utilizada na serigrafia constitui-se de uma tela esticada em bastidor ou chassi de madeira.” (COSTELLA, 2006, p.112).

Imagem 27 - Estampando a camiseta



Fonte: Acervo do pesquisador.

A confecção da peça é a última parte do processo de construção da roupa; ela é resultado da criação e segue no corte do tecido. As costuras que devem ser feitas seguindo a ordem de montagem. A costura não é algo fácil de fazer, requer atenção e habilidade (Imagem 28). Nesse trabalho, em específico, esse costurar não foi somente costurar o tecido, estou descosturando preconceitos, quando idealizo uma roupa para pessoas com deficiência, ressaltando o corpo do ser humano que veste essa roupa, é o caminho que busquei para ressignificar a pesquisa.

Imagem 28 - Confecção da calça jeans



Fonte: Acervo do pesquisador.

Imagem 29 - Confeção da camiseta



Fonte: Acervo do pesquisador.

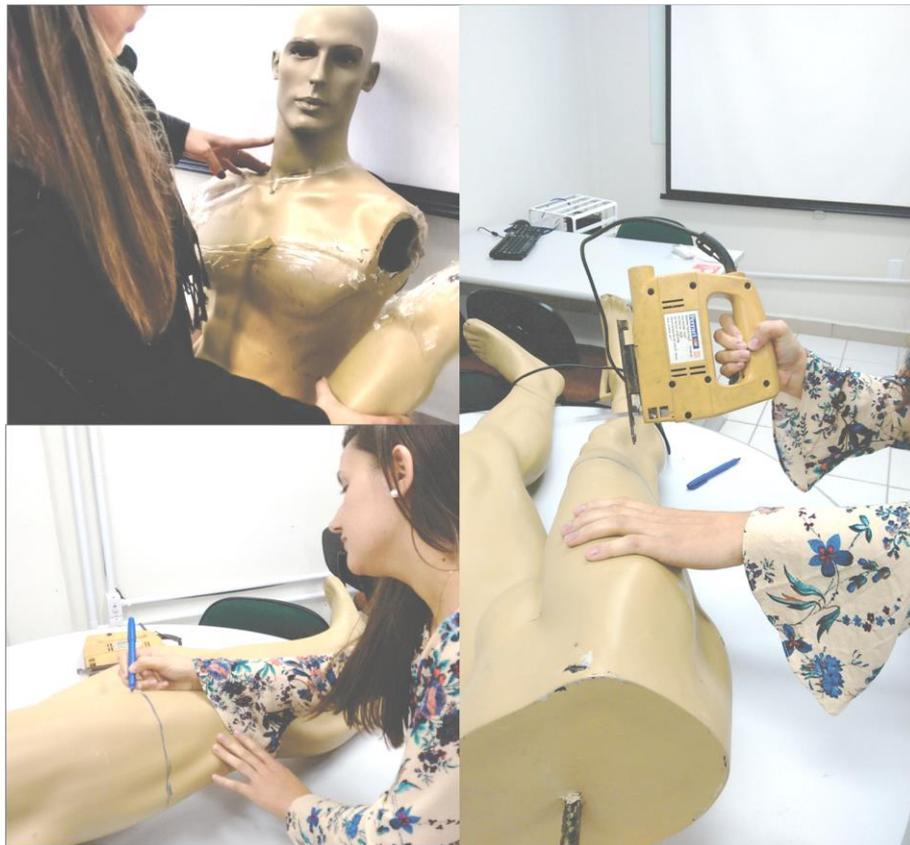
Imagem 30 - Prova da roupa para os ajustes finais



Fonte: Acervo do pesquisador.

Utilizei a máquina Tico-tico para fazer o corte, pois a estrutura do manequim era de fibra, porém oco por dentro (Imagem 31). Essa parte foi difícil: o ato de retirar os membros do manequim provocou em mim uma reflexão pela qual entendi que é assim que o preconceito faz. Ele vai retirando pedaços de nós, que não temos uma deficiência, e também das pessoas com deficiência tornando-as infelizes por não serem consideradas 'normais' ou não serem aceitas. A sociedade segrega esquecendo que somos seres humanos únicos.

Imagem 31 - Retirada dos membros para representação da deficiência física



Fonte: Acervo do pesquisador.

A produção artística está quase finalizada (Imagem 32), faltando uns detalhes e a suspensão dele que acontecerá no dia da montagem da exposição. Coloquei também um aparelho auditivo, para representar a deficiência e pintei os olhos de branco, para mostra a deficiência visual. Pensando na acessibilidade vou fazer uma etiqueta de identificação em braile com as informações técnicas e descritiva da produção artística.

Imagem 32 - Produção artística



Fonte: Acervo do pesquisador.

Imagem 33 - Produção artística em exposição



Fonte: Acervo do pesquisador.



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou a compreensão no âmbito geral de como a arte vêm oportunizar o acesso/fruição as pessoas com deficiência, e como é atualmente. Apresentando aqui novamente a minha problematização: existem produções de arte que se relacionam com as deficiências? E elas oportunizam a fruição da/sobre pessoa com deficiência? Com o estudo constatei que há produções que representam pessoas com deficiência e que alguns espaços culturais já estão produzindo a fruição de pessoas com deficiência, mas não em grande escala; temos que caminhar muito quando o assunto é inclusão na arte de pessoas com deficiência, de uma forma efetiva.

Esta investigação ainda tem muito a ser explorada, penso que a pesquisa é só o começo para abrir discussões na área da arte. Pensar a pesquisa/processo foi outro desafio, causando vários questionamentos, lembranças e sentimentos e por isso quero provocar o olhar do público para a pessoa com deficiência, quando levar a minha produção artística para Sala Edi Balod - Espaço de Exposição e laboratório de Artes Visuais. De acordo com a pesquisa constatei que possuem produções artísticas que promovem fruição de pessoas com deficiência e pouco a pouco esse movimento vem crescendo, a favor de uma inclusão mais completa, que ultrapassa os muros escolares.

A pesquisa atingiu seus objetivos e espero que seus resultados contribuam com uma motivação/sensibilização para as pessoas aprenderem a conviver com as diferenças, que não se ceguem, nem se ensurdeçam ou se calem, pois acredite isso pode mudar a vida de todos e marcá-las para sempre.

REFERÊNCIAS

BRAGA, João. **Reflexões sobre a moda**. V. 1 / 3. ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2006. 112p.

BRASIL. Estatuto da pessoa com deficiência. **Lei n. 13.146 de 06 de julho de 2015**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Artes Visuais**. 2009. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf>. Acesso em: 15 de mar. 2017

CAIADO, Kátia Regina Moreno. Quando as pessoas com deficiência começam a falar: História de resistência e lutas. In: JESUS, Denise Meyrelles et al. (Orgs.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. 2. ed. atual. Porto Alegre: Mediação, 2011. 304p.

CARVALHO, José Roberto; TURECK, Lúcia Terezinha. Algumas reflexões sobre a inclusão escolar de alunos com deficiência. In: **A pessoa com deficiência na sociedade contemporânea: problematizando o debate**. Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais – PEE. 2. ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2014. 167p.

CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo, M. **Discussões da moda semiótica, design e corpo**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005. 111p.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea uma Introdução**. São Paulo: Martins, 2005. 168p.

CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4ª Ed., rev. e atual. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2011. 100p. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencaopessoascomdeficiencia.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

CORRÊA, Maria Angela Monteiro. **Educação especial** v.1. 5.reimp. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010. 208p. Disponível em: <<http://nead.uesc.br/arquivos/pedagogia/educacao-inclusiva/educacao-especial.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

COSTELLA, Antônio. **Introdução à gravura e à sua história**. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2006. 141 p.

CUNHA, Suzana Rangel V. da. Imagens como pedagogias culturais em cenários da educação infantil. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). **Pedagogias culturais**. UFSM, 2014. 199-223p.

DIAS, B. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: introdução. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte/a/r/tografia**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2013. 244 p.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. O conceito de flexibilidade curricular nas políticas públicas de inclusão educacional. In: JESUS, Denise Meyrelles et al. (Orgs.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. 2. ed. atual. Porto Alegre: Mediação, 2011. 304p.

HERNANDEZ, F. A investigação baseada em arte: propostas para repensar a pesquisa em educação. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte/a/r/tografia**. Santa Maria, RS: UFSM, 2013. 244 p.

IRWIN, Rita L. Visões e entre/visões: por uma estética de desdobramento do currículo. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte/a/r/tografia**. Santa Maria, RS: UFSM, 2013. 244 p.

KASSAR, Monica de Carvalho Magalhães; ARRUDA, Elcia Esnarriaga de; BENATTI, Marielle Moreira Santos. Políticas de inclusão: O verso e reverso de discursos e práticas. In: JESUS, Denise Meyrelles et al. (Orgs.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. 2. ed. atual. Porto Alegre: Mediação, 2011. 304p.

LAMPERT, Jocielle. **Diário de artista e diário de professor**: deambulações sobre o ensino da pintura. Relatório de pós-doutorado. Teacher College Columbia University. New York – USA. 2013. 204p.

LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Ed. da UNIVILLE, 2007. 135p.

LINTON, Simi. **Simi Linton**. Disponível em: <<http://www.similinton.com/>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

MARQUES, Carlos Alberto. Rompendo Paradigmas: as contribuições de Vygotsky, Paulo Freire e Foucault. In: JESUS, Denise Meyrelles et al. (Orgs.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. 2. ed. atual. Porto Alegre: Mediação, 2009. 304p.

MARTINS, Raimundo. Metodologias visuais: com imagens e sobre imagens. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte/a/r/tografia**. Santa Maria, RS: UFSM, 2013. 244 p.

MEYER, Sandra. Dança-teatro-performance: a indisciplinar idade em questão. In: LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2007. 135p.

NERY, Marie Louise. **A evolução da indumentária**: subsídios para a criação de figurino. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2003. 303 p.

NUNES, Fabricio Vaz. O espaço inventado e o papel da crítica. In: LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2007. 135p.

ORSO, Paulino José. As pessoas com deficiência e a lógica da organização do trabalho na sociedade capitalista. In: **A pessoa com deficiência na sociedade contemporânea: problematizando o debate**. P475. Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais. PEE. 2. ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2014. 167p.

REILY, Lucia Helena. Retratos urbanos de deficiência. In: JESUS, Denise Meyrelles et al.(Orgs.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. 2. ed. atual. Porto Alegre: Mediação, 2011. 304p.

ROSA, Enio Rodrigues da; WILHELM, Vandiana Borba. A contribuição do movimento das pessoas com deficiência na transformação da sociedade capitalista. In: **A pessoa com deficiência na sociedade contemporânea: problematizando o debate**. P475. Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais. PEE. 2.Ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2014. 167p.

STOLF, Raquel. As instalações enquanto situação – Entre acontecimentos, proposições, inserções e outros desdobramentos. In: LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2007. 135p.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção**. 3. Ed. Brusque, SC: Do autor, 2005. 209p.